



Artigo

Perfil dos usuários do LIOP – Laboratório de Informação e Orientação Profissional da UFSC: mudanças observadas nos últimos anos

Mariana Danielli Bonadiman¹ - mariana.danielli.b@gmail.com

Luisa Almeida Scaff² - u_scaff@hotmail.com

Marucia Patta Bardagi³ - marucia.patta@ufsc.br

Iúri Novaes Luna⁴ - iuri.luna@ufsc.br

RESUMO

A constante identificação do perfil de usuários de serviços públicos permite conhecer as características principais de quem busca atendimento e ajustar as intervenções a estas características. Este estudo teve como objetivo identificar o perfil dos usuários de um serviço universitário de orientação profissional/vocacional e de carreira. Foram analisados os 237 protocolos de usuários atendidos em 2011, 2012 e 2013. Entre os resultados, destaca-se o aumento da procura por parte de adultos jovens e por preparação para aposentadoria. Esses dados confirmam a ampliação da busca por intervenções vocacionais por parte de públicos diferentes do adolescente e, assim, indicam a necessidade de ajuste das intervenções às características de tais públicos e de se conceber a orientação como estratégia de intervenção ao longo da vida.

PALAVRAS-CHAVE

Serviços universitários. Orientação vocacional. Carreira.

1 Estudante de graduação do Curso de Psicologia da UFSC.

2 Estudante de graduação do Curso de Psicologia da UFSC.

3 Psicóloga e doutora em Psicologia (UFRGS). Professora do Curso de Psicologia e do PPG Psicologia da UFSC.

4 Psicólogo e doutor em Sociologia Política (UFSC). Professor do Curso de Psicologia e do PPG Psicologia da UFSC.

ABSTRACT

The constant identification of users of public services profile enables to know the main characteristics of people seeking for those services and to tailor interventions to these characteristics. This study aimed to identify characteristics of users from a university vocational and career guidance service. 237 protocols from 2011, 2012 and 2013 were analyzed. Among the results, there was an increased demand for retirement preparation services and also by young adults. These data confirm the expansion of the search for career interventions by individuals beyond adolescence and indicate the need to think about career guidance as a lifelong intervention strategy.

KEYWORDS

University services. Vocational guidance. Career.

1 Introdução

Este artigo descreve os resultados da análise de protocolos de inscrição de usuários de um serviço de orientação profissional/vocacional e de carreira inserido dentro de uma clínica-escola universitária de SC. Pretende-se, a partir dessa análise, contribuir com a discussão sobre as mudanças na área de orientação profissional ocorridas nos últimos tempos e refletir sobre as necessidades de reformulação das intervenções oferecidas à comunidade.

Define-se a intervenção em orientação profissional/vocacional como qualquer estratégia para auxiliar pessoas a tomar e implementar decisões eficazes de carreira (SPOKANE, 2004). Para a Organização Europeia para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE), a orientação é definida como

[...] um conjunto de atividades que permitem aos cidadãos de qualquer idade, em qualquer momento das suas vidas, identificar as suas aptidões, competências e interesses, tomar decisões importantes a nível escolar, a nível da sua formação e a nível profissional e gerir os seus projetos de vida individuais no estudo, no trabalho e em outros contextos nos quais essas aptidões e competências são adquiridas ou utilizadas (OCDE, 2005. p 84).

A prática de orientação é, assim, um amplo espectro de atividades voltadas para o auxílio de jovens e adultos nas mais diferentes situações de trabalho, como ao final do ensino médio, em período de desemprego, na pré-aposentadoria, em uma transição de carreira, em processo de troca de curso universitário, entre outras. Atualmente, o desafio da área é auxiliar os indivíduos em seus processos de escolha e transições de carreira, num contexto de incerteza e rápida transformação do mundo produtivo.

Segundo Teixeira et al. (2007), houve um aumento da produção científica na área destacando as mudanças relacionadas ao trabalho e à economia e seu impacto sobre os indivíduos e os novos modelos de orientação que acompanham essa transformação. Embora ainda sejam mais frequentes estudos com alunos do Ensino Médio, a presença de um percentual significativo de estudos que analisam o desenvolvimento de carreira em universitários e adultos está sendo observada, podendo-se inclusive destacar estudos com públicos mais diferenciados, como pessoas com necessidades especiais e adolescentes em situação de alta vulnerabilidade social (AGUIAR; CONCEIÇÃO, 2012; TEIXEIRA et al., 2007). Silva et al. (2003), no início dos anos 2000, já apontavam que a busca por orientação profissional/vocacional estava ficando cada vez mais diversificada em relação à situação socioeconômica, nível de escolaridade e interesses, evidenciando-se a necessidade de programas mais diversificados e flexíveis objetivando atender às demandas dos usuários dos serviços.

Essa ampliação do escopo da orientação, tanto no âmbito internacional quanto no Brasil, para além do público tradicionalmente atendido pelas intervenções de orientação profissional/vocacional e de carreira, qual seja: adolescentes ao término do ensino médio, é verificada pelo aumento e diversificação da produção científica nacional na área (ABADE, 2005; NORONHA; AMBIEL, 2006; MELO-SILVA; LEAL; FRACALOZZI, 2010; TEIXEIRA et al., 2007) e pela crescente demanda por serviços de orientação profissional/vocacional e de carreira, especialmente nos

serviços universitários (ANDRADE; MEIRA; VASCONCELOS, 2002; LASSANCE, 2005; SANTOS; MELO-SILVA, 2000). O crescimento da busca por orientação profissional/vocacional no Brasil parece refletir não só o crescimento próprio da área, mas também as exigências do mercado de trabalho, tanto para o ingresso como para a permanência, o qual impõe que o indivíduo seja cada vez mais flexível, tenha habilidade de trabalhar em equipe e que seja criativo, entre outras exigências (SOUZA; LASSANCE, 2007). Além disso, cobra-se dos indivíduos conhecimento significativo sobre si e capacidade de acompanhar as transformações das relações de trabalho, assim como as sociais (MELO-SILVA; LASSANCE, 2009). Isso gera uma insegurança nas pessoas quanto às suas próprias condições de lidar com as tarefas de escolha e movimentação na trajetória de carreira, e pode aumentar a demanda por apoio especializado.

No entanto, ainda são poucos os estudos mapeando a busca por serviços de orientação profissional. Não só na área vocacional, mas em vários contextos, conhecer as pessoas que solicitam atendimento em serviços comunitários, clínicas-escolas e outros espaços ou instituições é fundamental para que se conheçam as principais necessidades de atendimento, as características específicas do público-alvo e, dessa forma, se ajustem as intervenções e propostas de atendimento a estas características. (CARMO; MELO-SILVA, 2013; MELO-SILVA; LEAL; FRACALOZZI, 2010; PERES; SANTOS; COELHO, 2004; ROMARO; CAPITÃO, 2003). Esse é o ponto de partida para o conhecimento e avaliação da eficácia das intervenções e das necessidades de reformulação dos serviços. As clínicas-escola⁵, por exemplo, são grandes responsáveis pelas intervenções comunitárias em orientação profissional/vocacional e demais áreas da psicologia aplicada no Brasil, oferecendo atendimento gratuito, beneficiando, sobretudo, pessoas de baixa renda (PERES et al., 2004).

Considerando a importância de se conhecer o perfil e as demandas de usuários que buscam serviços de orientação profissional/vocacional e de carreira, o que favorece o ajuste das intervenções às características e necessidades específicas de cada grupo de indivíduos, este artigo tem por objetivo mapear as características de perfil demográfico e educacional dos indivíduos atendidos em um serviço universitário de orientação, denominado Laboratório de Informação e Orientação Profissional da Universidade Federal de Santa Catarina (LIOP/UFSC). Com isso, pretende-se identificar eventuais mudanças no perfil de quem busca alguma modalidade de orientação profissional/vocacional e de carreira em comparação aos estudos anteriores e também discutir as implicações para a intervenção a partir deste mapeamento de características.

O serviço em questão existe há mais de 20 anos, e foi fundado com o objetivo de organizar o I Seminário Catarinense de Orientação, realizado em julho de 1988. Este foi o marco inicial para a consolidação dos trabalhos em orientação profissional/vocacional na instituição, como o atendimento à comunidade, a realização de pesquisas e outras atividades de extensão. O LIOP é um espaço para orientação profissional/vocacional e de carreira da comunidade de Florianópolis, além de um espaço de construção de carreiras dos estudantes de Psicologia que desenvolvem nele seus trabalhos de pesquisa e extensão (SOARES, 2010). Serviços de extensão universitários, tais como o LIOP, estão entre os principais formadores de orientadores vocacionais no Brasil e entre os principais veículos de acesso público a este tipo de serviço (MELO-SILVA; LASSANCE; SOARES, 2004). Atualmente o laboratório conta com uma equipe de dois professores coordenadores, quatro bolsistas de iniciação científica, uma média de 7 a 10 estagiários por ano e quatro bolsistas de extensão. Os bolsistas de extensão e os estagiários que compõem a equipe atual do LIOP são apresentados na Figura 1.

5 As clínicas-escola são serviços frequentemente vinculados aos cursos de graduação das áreas de saúde e que prestam atendimentos variados à comunidade. Exemplos de clínicas-escola são os serviços universitários de psicologia, de odontologia, de fonoaudiologia, entre outros. Fora da área de saúde, fala-se em serviços-escola, como os que prestam assessoria jurídica, contábil, de assistência social, e estão vinculados a cursos destas respectivas áreas. É comum que os atendimentos de orientação vocacional estejam inseridos em clínicas-escola de psicologia, como é o caso do Laboratório de Informação e Orientação Profissional (LIOP), vinculado ao Serviço de Atenção Psicológica (SAPSI) da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC).



Figura 1: Participantes da equipe do LIOP.

Fonte: Dados desta pesquisa.



As modalidades de atendimento oferecidas pelo LIOP são o aconselhamento de carreira para adolescentes em primeira escolha, estudantes universitários e adultos, além de oficinas de planejamento de carreira e intervenções de preparação para aposentadoria, sendo estes atendimentos realizados em grupo ou individualmente. Além dos atendimentos realizados no próprio serviço, apresentações de trabalho em eventos nacionais e internacionais, palestras sobre orientação profissional/vocacional em escolas da região e organizações também compõem as atividades do LIOP, que desde 2012 foi reformulado e funciona sob o nome 'Programa LIOP-Projetos de vida e trabalho'.

2 Metodologia

Para a produção deste trabalho foi realizado um estudo descritivo delineado como uma pesquisa documental, por utilizar materiais que ainda não receberam tratamento analítico (GIL, 1999). Levou-se a efeito um levantamento dos dados das fichas de inscrição das pessoas que buscaram o LIOP para atendimento em orientação profissional/vocacional e de carreira, o que inclui preparação para aposentadoria, de 2011 a 2013, no Serviço de Atenção Psicológica (SAPSI) da UFSC. A análise se restringiu às informações coletadas a partir de 2011 em razão da reformulação do serviço e da mudança de armazenamento dos protocolos. A coleta das informações foi realizada por meio de consulta direta às fichas de inscrição de cada usuário, assim como ao banco de dados virtual do serviço. Os seguintes dados foram identificados: data de nascimento, idade, sexo, estado civil, escolaridade, profissão, tipo de escola, série ou fase, renda, dados escolares dos familiares mais próximos, profissão dos familiares mais próximos, pretensão de fazer vestibular, realização de vestibulares anteriores, demanda, situação do atendimento e fechamento do caso.

A consulta foi possível devido à existência dos termos de consentimento livre e esclarecido (TCLE) que se encontravam anexados à ficha de inscrição, permitindo o uso das informações para pesquisa. O estudo seguiu todas as recomendações quanto à ética na pesquisa com seres humanos (BRASIL, 2012). Para esta análise, foram incluídos exclusivamente os protocolos de usuários que buscaram atendimento em orientação profissional/vocacional e de carreira diretamente no SAPSI/UFSC, não sendo inseridas informações dos atendimentos que ocorrem em outros espaços, como escolas ou organizações. Na Figura 2 é possível observar uma das salas de atendimentos de grupos do SAPSI/UFSC.

Entre 2011 e 2013 foram realizadas 237 inscrições para atendimentos em orientação profissional/vocacional e de carreira, sendo estes individuais ou em grupo. Os resultados a seguir se referem à análise destes protocolos, que foi realizada mediante distribuições de frequência. A principal dificuldade encontrada durante o processo de análise foi a ausência de determinadas informações em algumas fichas de inscrição. Assim sendo, é importante observar que como nem todos os inscritos preencheram os protocolos de forma completa no período estudado, muitas vezes a análise de determinadas características não atinge o número total de 237 pessoas.





Figura 2: Sala de atendimento de grupos do Serviço de Atenção Psicológica (SAPSI/UFSC).

Fonte: Dados desta pesquisa.

3 Resultados

Ao analisarem-se os protocolos, observa-se no geral que há predominância do público feminino, representando 61,83% do total. Quanto ao tipo de escola, 38,22% estudaram em escolas privadas e 61,78% em escolas públicas. No que diz respeito à idade, os usuários foram agrupados em três faixas etárias: adolescentes, dos 14 aos 19 anos; jovens adultos, dos 20 aos 30 anos; e adultos acima dos 30 anos. Evidencia-se o equilíbrio constatado entre adolescentes e adultos jovens na busca pelo serviço, como pode ser observado no Quadro 1. No que diz respeito ao nível de escolaridade dos inscritos que forneceram essa informação, 63 pessoas estavam cursando o ensino superior (31,18%), 15 tinham ensino superior completo (7,42%), 14 tinham pós-graduação (6,93%) e 110 pessoas haviam concluído ou estavam cursando o ensino médio (54,45%). As fichas de 35 inscritos (14,77%) não continham essa informação preenchida. A maioria dos inscritos estava fora do mercado de trabalho ou apenas estudando na época da inscrição. Estes dados encontram-se sintetizados no Quadro 1.

Em relação ao encaminhamento, grande parte das solicitações, ou seja, 200 fichas, indicava atendimento em orientação profissional/vocacional ou planejamento de carreira. Preparação para a aposentadoria foi o pedido feito por 30 pessoas: 16 em 2011, 10 em 2012 e 4 em 2013. Observa-se que três usuários solicitaram atendimento psicoterápico concomitante com orientação profissional/vocacional ou planejamento de carreira. Houve omissão da modalidade de atendimento pretendido em sete fichas. Em relação à continuidade ou não dos atendimentos, a maioria dos usuários completou o atendimento no período avaliado (75%). Houve apenas 5% de abandono, ou seja, interrupção do atendimento antes do final, e 20% de desistência, o que significa que o inscrito não iniciou o atendimento ao ser chamado.

Característica	Percentual
Sexo	Mulheres: 61,8% Homens: 38,2%
Idade	14 aos 19 anos: 40,1% 20 aos 30 anos: 39,2% 30 anos ou mais: 20,7%
Tipo de escola	Privada: 38,2% Pública: 61,8%
Nível de escolaridade	Ensino médio: 54,5% Cursando o ensino superior: 31,2% Ensino superior completo: 7,4% Pós-graduação: 6,9%
Vínculo de trabalho	Trabalhando à época da inscrição: 22,0% Desempregados ou apenas estudando: 78,0%

Quadro 1: Características demográficas, educacionais e de trabalho dos usuários.

Fonte: Dados desta pesquisa.



4 Discussão

Este artigo buscou mapear o perfil dos usuários de um serviço universitário de atendimento em orientação profissional/vocacional e de carreira no período entre 2011 e 2013. Os resultados confirmam a predominância de um perfil ainda tradicional, ou seja, de adolescentes e jovens adultos, mas apontam para novas demandas e tipos de pessoas que têm diversificado a busca por intervenções vocacionais, levando à necessidade de mudanças na estrutura das intervenções.

Em estudos anteriores sobre o perfil de usuários de serviços de orientação profissional/vocacional, observou-se uma maioria do sexo feminino, na faixa etária entre 16 e 20 anos e cursando o terceiro ano do ensino médio, majoritariamente em escolas privadas; houve demanda de alunos cursando o ensino superior, mas em menor número (SOUZA; LASSANCE, 2007; SANTOS; CARDOSO; MELO-SILVA, 2009), em conformidade com a perspectiva mais tradicional de orientação voltada aos adolescentes. A maior parte dos usuários era proveniente da mesma cidade em que funcionavam os serviços. Segundo os trabalhos de Silva (2001) e Moura e Menezes (2004), entre os adultos jovens que buscaram reorientação também se observou uma maior procura pelas mulheres e por alunos do ensino superior público em fases iniciais da graduação. No estudo mais recente, de Souza e Lassance (2007), as autoras já apontam a ampliação da faixa etária dos usuários do serviço de orientação da UFRGS, que se aproximou dos 50 anos, e o predomínio de pessoas que não exerciam atividade remunerada à época da inscrição.

No que se refere aos resultados da presente pesquisa que se alinham ao perfil tradicional de quem busca orientação profissional/vocacional, temos a maior frequência de adolescentes e jovens adultos, entre 14 e 30 anos, além do predomínio feminino. Esses dados corroboram os achados dos estudos anteriormente mencionados. A conclusão do Ensino Médio e a expectativa de entrada na universidade, ainda muito frequente entre jovens de todas as classes, além do incentivo das políticas públicas de ampliação do acesso ao Ensino Superior que mantém a procura por intervenções de orientação profissional/vocacional em níveis altos entre os adolescentes e jovens adultos. Nesse sentido, o auxílio à definição da primeira escolha e o aperfeiçoamento dos processos decisórios por parte dos jovens ainda é um campo fundamental da orientação profissional/vocacional no Brasil.

Ressalta-se, nos resultados, o aumento de jovens adultos universitários e inscritos recém formados, tendência já apontada anteriormente em outros estudos (MOURA; MENEZES, 2004; SILVA, 2001; SOUZA; LASSANCE, 2007). Considerando-se que foram avaliadas apenas as fichas de inscrição no SAPSI, ou seja, que não foram consideradas as informações dos alunos da universidade atendidos fora do serviço de psicologia, uma vez que participaram de oficinas de orientação e planejamento de carreira dentro do espaço físico dos próprios cursos, observa-se que, caso tivessem sido consideradas, o número de estudantes universitários praticamente se igualaria ao número de adolescentes inscritos para atendimento. Esse dado, juntamente com o índice de jovens recém-formados, muitos já trabalhando e buscando atendimento em orientação, sugere algumas reflexões sobre o processo de orientação com esse público.

Pode-se pensar no período universitário como uma nova etapa de definição profissional. Talvez a própria ampliação do acesso ao ensino superior, aumento de oferta de vagas e cursos nas instituições, novas alternativas de acesso em relação ao vestibular tradicional, tenham deslocado o momento de reflexão mais consistente sobre as escolhas para o período posterior ao ingresso universitário. Deliberada ou fruto de fragilidades anteriores, as escolhas universitárias e a relação dos alunos de graduação com a própria formação e o futuro profissional são cada vez mais um campo de atuação do orientador. Nesse sentido, é preciso levar em conta as circunstâncias e exigências que recaem sobre o universitário, tanto por parte de pais e amigos quanto por parte da própria instituição de ensino. Há uma expectativa de segurança e confiança nas escolhas desde as fases iniciais da graduação, enquanto que para muitos alunos o momento é de experimentação, ainda sem um vínculo de identidade com o curso e a carreira. Muitos usuários, nestes períodos iniciais, buscam orientação para refletir sobre a pertinência ou não da permanência no curso. Já em fases mais adiantadas da formação, as principais demandas se referem ao planejamento de carreira, à capacidade dos alunos de transformar as experiências e conhecimentos adquiridos durante a universidade em um projeto pessoal e profissional. Para esta segunda demanda, a formação tradicional de orientadores voltados aos processos de escolha pode não ser suficiente



para promover uma intervenção eficiente. Faz-se necessária uma aproximação da orientação profissional com o campo do trabalho, das carreiras e das organizações (RIBEIRO, 2011), a fim de promover uma integração entre as trajetórias laboral e de formação.

Os resultados evidenciaram também um número importante de pós-graduandos entre os usuários do serviço. Os alunos de pós-graduação são um público relativamente novo nos serviços de carreira. Mestrandos e doutorandos têm buscado auxílio para pensar seus projetos de futuro, para refletir sobre o papel de pesquisador e professor que a pós-graduação favorece e para pensar estratégias de enfrentamento de questões acadêmicas e relacionais com colegas e orientadores. Muitos estudantes buscam a continuidade dos estudos como estratégia de enfrentamento às dificuldades do mercado de trabalho (MATTOS, 2011), seguindo as indicações do chamado “discurso da qualificação” (SILVA, 2010), mas não necessariamente pensam na pós-graduação, mestrado e doutorado especificamente, como uma etapa do desenvolvimento de carreira que está ligada à formação de docentes e pesquisadores. Uma situação de atendimento individual prestado por uma estagiária do LIOP a um representante de um dos segmentos emergentes (alunos de pós-graduação) é ilustrada por meio da Figura 3.



Figura 3: Atendimento individual de aluno de pós-graduação em OPC no SAPSI/UFSC

Fonte: Dados desta pesquisa.

Pessoas interessadas em planejar a aposentadoria enquanto um novo período em suas vidas também se destacam como uma demanda emergente em serviços de orientação profissional/vocacional e de carreira, conforme demonstrado pelos 30 inscritos que buscaram esse tipo de serviço de acordo com o levantamento realizado. Ao conceberem a preparação para a aposentadoria como parte da educação ao longo da vida (FRANÇA; SOARES, 2009) associada a perspectivas de longevidade, adultos de diferentes idades, por volta dos 50 anos, próximos à aposentadoria ou já aposentados, começam a buscar orientações com o objetivo de aumentar suas possibilidades de viver com qualidade no presente e no futuro.

Quanto ao predomínio feminino, esse é um dado recorrente em estudos sobre busca de atendimento (CAMPEZZATTO; NUNES, 2007; MARAVIESKI; SERRALTA, 2011; ROMARO; CAPITÃO, 2003; SOUZA; LASSANCE, 2007; SANTOS et al., 2009). Esse predomínio tem sido atribuído à maior disponibilidade de buscar auxílio por parte das mulheres em relação aos homens, além da possibilidade do maior tempo dedicado pelas mulheres à auto-observação e à identificação



de vulnerabilidades, como uma consequência dos próprios processos de socialização, em que as mulheres são tradicionalmente incentivadas a investir na dimensão emocional e expressar emoções com maior frequência do que os homens. Nesse sentido, não se pode afirmar que as mulheres tenham maiores dificuldades de carreira do que os homens, e por isso estejam em maior número nos serviços de atendimento. Ressalta-se aqui, que ao contrário desse predomínio global feminino entre os usuários, no âmbito universitário houve maior busca de homens para atendimento em orientação.

Mesmo sem informações precisas sobre o nível socioeconômico dos inscritos, o maior público vindo da rede pública de ensino e também o número de adultos fora do mercado de trabalho sinaliza que o serviço-escola está cumprindo parte de seus objetivos, no sentido de permitir o acesso de pessoas de menor poder aquisitivo ao atendimento de orientação profissional/vocacional e de carreira dentro de um espaço de referência na comunidade (PERES et al., 2004). Especialmente na área da orientação profissional, os levantamentos costumam apontar, mesmo em serviços comunitários, um elevado número de usuários oriundos da rede privada de ensino, com médio ou alto poder aquisitivo (SOUZA; LASSANCE, 2007; SANTOS et al., 2009). Por caracterizarem-se como serviços gratuitos ou de baixo valor, é importante que os serviços vinculados às instituições de ensino busquem atingir um público que dificilmente teria acesso a estes recursos de outra forma.

Por fim, é importante salientar o significativo índice de intervenções concluídas, percentualmente maior do que aquele apontado pela literatura (ROMARO; CAPITÃO, 2003). No entanto, os índices de desistência requerem atenção. Por ser um serviço-escola, muitas vezes o prazo entre a inscrição do interessado para atendimento e o chamado para início da intervenção é elevado, o que pode gerar desmotivação e saída do indivíduo do momento de mobilização quanto às questões que o levaram a buscar ajuda. Nesse sentido, é preciso que os serviços de orientação, especialmente por lidarem com questões pontuais que são comumente marcadas por aspectos temporais – o período de inscrições para o vestibular, o prazo para solicitar trancamento de matrícula, o período da aposentadoria, etc. – estejam atentos ao prazo de espera e busquem maior agilidade no atendimento.

5 Considerações Finais

Este estudo teve como intuito mapear características dos usuários que buscaram orientação profissional/vocacional e de carreira nos anos de 2011, 2012 e 2013 em um serviço universitário. Considera-se que levantamentos deste tipo são fundamentais para que se conheçam as mudanças de perfil e demanda que chegam a estes serviços e para que as instituições possam permanentemente ajustar suas intervenções e avaliar seus procedimentos de acordo com as necessidades e características do público-alvo.

Como principais achados, observou-se uma elevada procura do público tradicional da orientação profissional/vocacional, ou seja, de adolescentes e jovens adultos em busca de auxílio às primeiras escolhas. Todavia, também foi possível perceber a tendência já apontada em estudos anteriores (AGUIAR; CONCEIÇÃO, 2012; TEIXEIRA et al., 2007; SILVA et al., 2003) da maior diversificação dos interessados, representada aqui por adultos em situação de desemprego, estudantes de pós-graduação, pessoas em busca de auxílio na preparação para aposentadoria, alunos com altas habilidades, entre outros. Essa diversificação confirma as transformações da própria área, concebida atualmente como um processo de auxílio às decisões e transições de carreira ao longo da vida (OCDE, 2005; DUARTE, 2009).

Como limitações, indica-se que foram analisadas exclusivamente as fichas preenchidas no SAPSI da UFSC. Assim sendo, um número significativo de usuários atendidos pelo serviço em outros espaços não foi considerado na presente investigação. Futuros mapeamentos devem incluir registros dos usuários atendidos fora do espaço da clínica-escola, a fim de se obter informações mais abrangentes. Evidencia-se, ainda, como dificuldade enfrentada nesse estudo e também já apontada em investigação anterior (SOUZA; LASSANCE, 2007): o baixo controle sobre o preenchimento correto/completo das informações nas fichas de inscrição, o que dificulta a análise de todos os aspectos de interesse. Constituinte-se, o preenchimento das fichas de inscrição, como uma das etapas iniciais dos processos de orientação profissional/vocacional e de carreira, sugere-se um maior controle desse processo para garantir aos orientadores e pesquisadores o acesso a informações fidedignas.



Considera-se, por fim, que a presente análise reforça a tendência apontada na literatura em orientação de carreira no que se refere à importância da caracterização inicial das pessoas interessadas em atendimentos dessa natureza (MAGUIRE, 2004; SPOKANE, 2004). É fundamental que os serviços de atendimento tenham como preocupação não apenas a caracterização sociodemográfica dos usuários, mas outras condições de entrada, com indicações de características já diretamente relacionadas aos aspectos vocacional e de carreira, a fim de sistematizar processos de avaliação das intervenções conduzidas. Nesse sentido, buscar-se-á reformular as informações solicitadas para inscrição no LIOP, além de aperfeiçoar o armazenamento das informações de atendimentos realizados, o que permitirá a coleta e o acesso relativos a novas e importantes informações que possibilitarão o aprofundamento do estudo.

Referências

ABADE, F. L. **O processo grupal na Orientação Profissional: Um estudo com adolescentes na escola pública.** Dissertação (Mestrado em Psicologia) - Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2005.

AGUIAR, F. H. R.; CONCEIÇÃO, M. I. G. Análise da produção científica em orientação profissional: tendências e velhos problemas. **Psico-USF**, 17, p. 97-107, 2012.

ANDRADE, J. M.; MEIRA, G. R. J. M.; VASCONCELOS, Z. B. O processo de orientação vocacional frente ao século XX: perspectivas e desafios. **Revista Psicologia Ciência e Profissão**, 22(3), p. 46-53, 2002.

BRASIL. Conselho Nacional de Saúde. **Resolução nº 466, de 12 de dezembro de 2012.** Brasília, 2012. Disponível em: http://www.conselho.saude.gov.br/web_comissoes/conep/index.html. Acesso em 15 jan. 2014.

CAMPEZATTO, P. M.; NUNES, M. L. T. Caracterização da clientela das clínicas-escola de cursos de Psicologia da região metropolitana de Porto Alegre. **Psicologia: Reflexão e Crítica**, 20(3), p. 376-388, 2007.

CARMO, W.; MELO-SILVA, L. L. Avaliação de uma intervenção em orientação profissional na perspectiva de ex-estagiários. **Psicologia: Ciência e Profissão**, 33(1), p. 84-99, 2013.

DUARTE, M. E. The psychology of life construction. **Journal of Vocational Behavior**, 75(3), p. 259-266, 2009.

FRANÇA L. H. F. P.; SOARES, D. H. P. Preparação para a Aposentadoria como parte da Educação ao Longo da Vida. **Psicologia Ciência e Profissão**, 29 (4), p.738-751, 2009.

GIL, Antônio C. **Métodos e técnicas de pesquisa social.** São Paulo: Atlas, 1999.

LASSANCE, M. C. P. Adultos com dificuldades de ajustamento ao trabalho: ampliando o enquadre da orientação vocacional de abordagem evolutiva. **Revista Brasileira de Orientação Profissional**, 6(1), p. 41-51, 2005.

MAGUIRE, M. Measuring the outcomes of career guidance. **International Journal for Educational and Vocational Guidance**, 4, p. 179-192, 2004.

MARAVIESKI, S.; SERRALTA, B. F. Características clínicas e sociodemográficas da clientela atendida em uma clínica-escola de psicologia. **Temas em Psicologia**, 19(2), p. 481-490, 2011.

MATTOS, V. B.; BIANCHETTI, L. Educação continuada: solução para o desemprego? **Educação e Sociedade**, 32(117), p. 1167-1184, 2011.

MELO-SILVA, L. L.; LASSANCE, M. C. P. Relatório do II Congresso Latino-americano de Orientação Profissional e IX Simpósio Brasileiro de Orientação Vocacional & Ocupacional - Orientação Profissional e de Carreira: Novos paradigmas, trajetórias e desafios. **Revista Brasileira de Orientação Profissional**, 10(2), p. 143-150, 2009.

MELO-SILVA, L. L.; LASSANCE, M. C. P.; SOARES, D. H. P. A orientação profissional no contexto da educação e trabalho. **Revista Brasileira de Orientação Profissional**, 5(2), p. 31-52, 2004.

MELO-SILVA, L. L.; LEAL, M. de S.; FRACALOZZI, N. M. N. Produção científica em congressos brasileiros de orientação vocacional e profissional: período 1999-2009. **Revista Brasileira de Orientação Profissional**, 11(1), p. 107-120, 2010.

MOURA, C. B.; MENEZES, M. V. Mudando de opinião: análise de um grupo de pessoas em condição de re-escolha profissional. **Revista Brasileira de Orientação Profissional**, 5(1), p. 29-45, 2004.

NORONHA, A. P. P.; AMBIEL, R. A. M. Orientação profissional e vocacional: análise da produção científica. **Psico-USF**, 11 (1), p. 75-84, 2006.

ORGANIZAÇÃO PARA COOPERAÇÃO E DESENVOLVIMENTO ECONÔMICO (OCDE). **Orientação escolar e profissional**: guia para decisores. Lisboa: Gráfica Krispress, 2005.

PERES, R. S.; SANTOS, M. A.; COELHO, H. M. B. Perfil de clientela de um programa de pronto-atendimento psicológico a estudantes universitários. **Psicologia em Estudo**, 9(1), p. 47-54, 2004.

RIBEIRO, Marcelo A. As formas da estruturação da carreira na contemporaneidade: interfaces e articulações teórico-técnicas entre a Psicologia Organizacional e do Trabalho e a Orientação Profissional. In: ZANELLI, J. C.; SILVA, N.; TOLFO, S. R. **Processos psicossociais nas organizações e no trabalho**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2011. p.305-325.

ROMARO, R. A.; CAPITÃO, C. G. Caracterização da clientela da clínica-escola de psicologia da Universidade São Francisco. **Psicologia: Teoria e Prática**, 5(1), p. 111-121, 2003.

SANTOS, M. A.; MELO-SILVA, L. L. Características psicossociais do usuário de um serviço de orientação profissional. **Psic: Revista da Vetor Editora**, 1, p. 62-71, 2000.

SANTOS, M. A.; CARDOSO, E. A. O.; MELO-SILVA, L. L. Orientação profissional como porta de entrada para psicoterapia: um estudo retrospectivo. **Psico-USF**, 14(2), p. 143-156, 2009.

SILVA, M. B. Re-Orientação: redefinição da escolha profissional. **Psicologia argumento**, 19(28), p. 13-16, 2001.

SILVA, M. M. Redes de relações sociais e acesso ao emprego entre os jovens: o discurso da meritocracia em questão. **Educação e Sociedade**, 31(110), p. 243-260, 2010.

SILVA, L. L. M. et al. Um estudo preliminar sobre as práticas em orientação profissional. **Revista Brasileira de Orientação Profissional**, 4(1-2), p. 21-34, 2003.

SOARES, D. H. P. LIOP: uma história de carreiras. **Extensio - Revista de extensão da UFSC**, número especial, p. 136-151, 2010.

SOARES, D.H.P., LIOP: Uma história de carreiras. **Revista Eletrônica de Extensão**, p. 136-151, 2010.

SOUZA, L. K.; LASSANCE, M. C. P. Análise do perfil da clientela de um serviço universitário de orientação profissional. **Revista Brasileira de Orientação Profissional**, 8(2), p. 71 – 86, 2007.

SPOKANE, A. R. Avaliação das intervenções de carreira. In: LEITÃO, L. M. (Org.), **Avaliação psicológica em orientação escolar e profissional**. Coimbra: Quarteto, 2004. p. 455-473.

TEIXEIRA, M. A. P. et al. Produção científica em orientação profissional: Uma análise da Revista Brasileira de Orientação Profissional. **Revista Brasileira de Orientação Profissional**, 8(2), p. 25-40, 2007.